A representação da fonte independente no Jornal do Almoço[1]

Naiara Longhi[2]
Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO

Este trabalho apresenta parte dos resultados obtidos em uma pesquisa sobre as representações sociais criadas sobre as fontes independentes de informação pelo telejornal Jornal do Almoço. Aqui, as notícias são apresentadas como construções discursivas, veículos dos valores e símbolos socialmente partilhados e criadoras de representações sobre a realidade que retratam. As falas das fontes independentes, como peças dessas construções, foram analisadas quantitativamente e qualitativamente segundo o tema sobre o qual se expressam e o tom que adquirem em uma reportagem.

PALAVRAS-CHAVE:

Telejornalismo; Representação Social; Fontes de Informação;

TEXTO DO TRABALHO

1. A representação social no discurso jornalístico.

Uma das primeiras percepções construídas acerca da produção das notícias ficou amplamente conhecida como a "teoria do espelho". Segundo essa abordagem, as notícias são relatos fiéis dos fatos do cotidiano, uma cópia perfeita, livre de ideologias ou manipulações de qualquer espécie. Teorias posteriores deram conta de mostrar que o entendimento da notícia como espelho da realidade partia de um pensamento simplista e pouco elaborado sobre o ato de informar.

A notícia parte da realidade e fala sobre ela, mas, mais que uma descrição fiel dos fatos do mundo, é uma narrativa construída a partir de valores sobre eles. Essa compreensão das notícias como uma construção acerca da realidade exige que se perceba o jornalismo como um fazer discursivo. As notícias, assim como outros produtos de nossa cultura, como os livros, as canções, os filmes e as conversações do dia-a-dia, são construídas a partir de significados e valores que denotam a maneira como os indivíduos apreendem a realidade. Ao organizar os valores e significados sociais no discurso jornalístico, ela reproduz e reitera os valores dominantes em uma cultura.

O jornalismo, nesse processo discursivo, é um produtor de representações sociais e de sentidos. A maneira como uma notícia aborda determinado assunto, as

[1] Trabalho apresentado no GT Mediações e Interfaces Comunicacionais, do Inovcom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.
[2] Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: nailonghi@hotmail.com

imagens que ela utiliza, as palavras escolhidas, as fontes de informação que falam (e o que elas falam) armam uma teia complexa, onde se cruzam significados e valores já existentes na formação de um outro sentido. Dentro desta teia, a maneira como as fontes de informação continuamente são retratadas acaba por consolidar uma série de valores e significados, seja sobre a posição social dessas fontes, seja sobre a classe social a que elas pertençam, seja sobre a instituição de poderes que representem, seja sobre as relações de poder que o "diálogo" entre as suas falas signifique.

A teoria das representações sociais tem sua origem na antropologia e na sociologia. O conceito é citado pela primeira vez por Moscovici (1978) a partir da noção de Durkhein de representações coletivas. Moscovici propõe o conceito de representação social como um "corpus organizado de conhecimento e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se em um grupo ou em uma ligação cotidiana de trocas e liberam os poderes de sua imaginação" (MOSCOVICI apud VIZEU, 2006, p.35).

O ato de representar é o ato de significar. É a partir do que sentimos e pensamos em relação a alguma coisa, e da maneira como nos expressamos em relação a ela, que a representamos.

> Em parte, damos significado às coisas através da forma como as utilizamos, ou as integramos às nossas práticas do cotidiano (...). Em parte, damos significado às coisas através da forma como a representamos – as palavras que usamos, as histórias que contamos acerca destas coisas, as imagens que produzimos, as emoções que associamos às mesmas, as maneiras como classificamos e conceituamos os valores que lhes damos. (HALL, 1997: 03).

A representação é a tradução de um conceito que temos mentalmente em um significado que possa ser expresso em uma linguagem, seja ela verbal, textual ou audiovisual. Esse conceito formulado dentro de nossa mente não é totalmente original, já que não depende exclusivamente do nosso poder de interpretação sobre o mundo que nos rodeia. Construímos esse significado com base em nossa experiência social, a partir da apreensão de outros conceitos que nos chegam pela interação com o outro. A representação social é um processo que depende dos significados legitimados socialmente e da linguagem para que se complete, ao mesmo tempo em que depende de um esforço individual em transformar a realidade em linguagem. Assim, a representação é uma construção subjetiva da realidade, compartilhada com o outro através da linguagem.

Mesmo que um jornalista não esteja consciente que, ao escolher uma fonte ou uma palavra, estará significando algo, é impelido, pelos aspectos culturais em que está inserido, a construir um discurso determinado. A maneira como a fonte de informação aparece no jornalismo define as representações que, socialmente, se faz do grupo social ou de poder a que ela pertence. De acordo com o exposto até agora, a representação que fazemos de algo ou alguém depende dos significados partilhados por uma sociedade. O jornalismo e o jornalista não estão fora da realidade que retratam. Eles, na maioria das vezes, compartilham o mesmo mapa cultural do seu público, e veiculam os valores que seu público também reconhece. Assim, o enquadramento que decidem dar a uma fonte, reflete os valores que a sociedade atribui a essa fonte e que a sociedade reconhece nessa fonte. Portanto, o jornalismo tende a reiterar as ideologias dominantes.

A notícia é fruto de condições de produção e de rotinas particulares. É, mais do que simples observação e descrição, um esforço cognitivo e significativo por parte do repórter em transformar os fatos do cotidiano em linguagem e, conseqüentemente, em significações e representações. A notícia é uma construção discursiva sobre a realidade. É fruto de um olhar nada objetivo do repórter, orientado por toda uma bagagem culturalmente adquirida: os significados, valorações e representações socialmente partilhados.

2 . As fontes jornalísticas como peças da construção jornalística

Um jornalista, ao construir a notícia, reorganiza a realidade factual na narrativa jornalística. Com isso não se está afirmando que um jornalista invente os fatos, mas, ao traduzir fato em notícia, um jornalista faz uma edição da realidade. A notícia é um enquadramento discursivo acerca de um acontecimento. O fato vai ser transformado em narrativa, ordenado segundo um discurso já legitimado como jornalístico, avaliado segundo valores socialmente compartilhados. As próprias escolhas que cabem somente ao jornalista são determinadas por forças externas ao campo jornalístico (quem ele vai entrevistar, que tipo de perguntas vai fazer àquela pessoa).

O trabalho jornalístico inicia-se com o contato com as fontes de informação em busca de relatos que ajudem a construir a notícia. Raramente um jornalista está presente quando os fatos acontecem, e quase nunca ele é especialista em um assunto que esteja cobrindo, a ponto de poder oferecer análises pertinentes ao seu público. Assim, a procura pelas fontes de informação é uma tentativa de garantir a exatidão e a coerência das informações veiculadas.

Segundo WOLF, as fontes jornalísticas são

> todas as pessoas que o jornalista observa ou entrevista (...) e as que fornecem apenas as informações de base ou ocasiões para uma notícia (...). A característica mais saliente das fontes é que elas fornecem informações enquanto membros ou representantes de grupos (organizados ou não) de interesse ou de outros setores da sociedade." (Gans apud Wolf, 2002: 234).

Já PINTO oferece uma visão mais ampla de fontes jornalísticas, mas que não deixa de apontar para essa mesma idéia de que as fontes são a origem da informação, instância que o exercício do jornalismo não pode excluir ou negar. Para o autor português

> As fontes são pessoas, são grupos, são instituições sociais ou são vestígios – falas, documentos, dados – por aqueles preparados, construídos, deixados. As fontes remetem para as posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espacio-temporalmente situados. (2000, p.2)

A natureza das fontes e grau de contribuição das mesmas em uma notícia é variável. Uma fonte pode ser o morador de um bairro que chama a redação para fazer uma reclamação, podem ser outros veículos de comunicação, como o rádio ou internet, pode ser a testemunha de um acidente, um pesquisador, um assessor de imprensa. Podem dar apenas informações de base ou ser citadas nas reportagens. Mas a sua função é sempre a mesma: fornecer material informativo aos jornalistas, para que estes ampliem o conhecimento sobre o fato em questão.

A coleta das informações é condicionada por diversos fatores internos ao campo jornalístico, como as barreiras impostas pelas rotinas produtivas, e também sociais, como as pressões impostas pelo poder político e econômico ao acesso dos jornalistas às suas fontes. Geralmente, o trabalho jornalístico é organizado de forma a cumprir os fechamentos dos veículos de comunicação. A falta de tempo reinante nas redações país afora faz com que sejam adotadas algumas práticas para facilitar o acesso a uma informação confiável no menor tempo possível. Assim, é de praxe que os profissionais busquem aquelas fontes de informação já conhecidas como confiáveis, cuja informação não precisa ser checada, e cujo acesso do jornalista já é garantido.

WOLF nos mostra que nos meios televisivos, a dependência das fontes oficiais aumenta pelas suas características de produção e apresentação das notícias. Os jornalistas produzem baseados na preocupação em ter notícias suficientes para preencher o tempo dos programas informativos. Assim, aumenta a institucionalização dos canais de coleta, ou seja, determinados assuntos, ou determinados valores/notícia já

estão associados a fontes certeiras. "Na prática, o jornalista radiotelevisivo é relativamente limitado na coleta que pode fazer, e a produção da informação televisiva é, em grande parte, a elaboração passiva de notícias que a redação não pode deixar de dar" (2005, p.229). Esse aspecto influencia na quantidade e na qualidade das fontes procuradas.

A relação entre fontes e jornalistas é descrita por GANS como uma dança, em que as fontes buscam acesso aos jornalistas e os jornalistas buscam acesso às fontes. O autor explica que, na maioria das vezes, essa dança é conduzida pelas fontes. Isso quer dizer que também há o interesse de certas fontes em ter acesso aos jornalistas. "Do ponto de vista do interesse da fonte em encontrar acesso aos jornalistas, os fatores relevantes parecem ser quatro: *a.* os incentivos; *b.* o poder da fonte; *c.* sua capacidade de fornecer informações fidedignas; *d.* sua proximidade social e geográfica dos jornalistas." (GANS *apud* WOLF, 2005:235)

Dentre todos esses fatores, a possibilidade de fornecer informações fidedignas é o que mais permite o acesso das fontes aos jornalistas. Como já foi dito anteriormente, são as fontes oficiais as mais capazes de fornecer informações fidedignas, assim como também são elas capazes de produzir eventos programados, que satisfazem as necessidades dos meios de comunicação em ter eventos para cobrir com prazos estabelecidos em precedência. "As fontes que respondem a esses requisitos organizacionais da mídia são, obviamente, as ligadas a instituições, órgãos oficiais, grupos de poder, etc." (GANS *apud* WOLF, 2005:36)

PINTO (1999) defende que as mudanças ocorridas nos últimos dez anos no campo da comunicação[3] fizeram com que a fonte de informação mudasse o seu perfil. A tendência apresentada hoje é que, cada vez mais, as fontes de informação se organizem e se institucionalizem, construam estratégias para agendar os meios de comunicação. Nas últimas décadas, foram constituindo-se campos de saber e profissionais cujo papel principal é se estabelecer como fontes de informação. São os porta-vozes, as assessorias de imprensa, os profissionais interessados em marcar a agenda da mídia.

> Poder-se-ia, assim, afirmar que a instância privilegiada de mediação social que o jornalismo constituía (e em boa medida constitui) passou a ser disputado, a montantes, por fontes organizadas e profissionalizadas que vieram a complexificar os processos sociais de recolha e seleção (...) das notícias, e, por conseguinte, os processos de construção da própria realidade social. (PINTO, 1999: 06)

[3] Essas mudanças são descritas por PINTO como "a crescente concentração das empresas jornalísticas e mediáticas em grandes grupos econômicos, freqüentemente de âmbito transnacional, a crescente tabloidização da informação, nomeadamente da televisiva, com uma mudança sensível das áreas de cobertura, e a precarização do trabalho nas redacções e inerente a diluição da noção de carreira profissional." (2000, p.2)

Já, no que tange ao interesse do jornalista em ter acesso às suas fontes de informação, GANS afirma que esses profissionais são movidos pela necessidade de encontrar uma informação coerente e confiável dentro dos prazos estabelecidos. O autor enumera cinco fatores principais, que por suas características acabam por levar o profissional ao encontro inevitável das fontes oficiais. "Esses fatores são: *a.* a oportunidade que se revelou anteriormente; *b.* a produtividade; *c.* a fidedignidade; *d.* a confiabilidade; *e.* a respeitabilidade" (GANS *apud* WOLF, 2005: 36)

Um jornalista buscará sempre aquelas fontes que possam facilitar o seu trabalho, ou seja, no pouco tempo destinado à apuração, ele buscará a fonte certeira, que lhe possa dar as informações fidedignas, que não precisem ser checadas e aquelas que forneçam uma informação perfeitamente ajustável aos moldes da produção de um veículo. "As fontes oficiais tendem a obtemperar [obedecer], melhor do que as outras, a essas necessidades organizacionais das redações." (WOLF, 2005:236)

Assim, é possível afirmar que nesse cenário, organizado pelas rotinas de produção e permeado pelas relações de poder da sociedade, que a fonte oficial acaba sendo a opção mais viável (ou a mais fácil?) a caminho da construção das notícias. Essa reflexão é perfeitamente aplicável às redações dos telejornais do interior, que contam com uma equipe pequena, cujos repórteres cobrem todos os tipos de temática. A diversidade de assuntos tratados impõe ao jornalista a necessidade de estar sempre em contato com diversas fontes todos os dias. Para WOLF, esse é outro fator que impede a busca de outras fontes de informação. "A menos que os cronistas tenham sido instruídos a entrevistar pessoas específicas, em geral eles aplicam os critérios relativos às fontes. Não conhecendo as pessoas e as atividades com que se devem ocupar, naturalmente recorrem às fontes respeitáveis, cuja produtividade e credibilidade são presumidas". (WOLF, 2005: 239)

O processo de coleta das informações, nos moldes em que é realizado, impede o acesso dos jornalistas às fontes independentes, ou o acesso das fontes independentes aos meios de comunicação. Assim, os cidadãos comuns acabam sendo sub-representados pelo jornalismo praticado tanto nos grandes como nos pequenos centros, relegados a um papel coadjuvante, que coloca em xeque a função de dar visibilidade a todos os setores sociais que cabe ao jornalista.

O acesso das fontes independentes aos meios de comunicação não depende da sua vontade e a sua participação nos telejornais está condicionada a fatores muito

específicos. Elas estão cada vez mais presentes no jornalismo, em especial no televisivo. Entretanto, o simples fato de aparecer não significa que elas sejam realmente escutadas ou que a mídia esteja realmente lhes cedendo um espaço, dando-lhes a chance de se expressar, mais do que falar.

3. A representação da fonte independente no Jornal do Almoço

Segundo Alfredo Vizeu, o estudo das representações sociais aplicadas ao jornalismo ainda não tem uma metodologia específica. É preciso, então, que cada pesquisador crie uma metodologia adequada para que ele consiga atingir os seus objetivos no trabalho. Para a análise da representação feita das fontes independentes no telejornal Jornal do Almoço, esse trabalho se valeu de uma análise quantitativa e qualitativa da incidência das fontes oficiais e independentes. Depois de tabelados, os dados numéricos foram analisados a partir de aspectos das reportagens, como as temáticas sobre as quais as fontes de informação falam e o tom que essa fala adquire e a interação que existe entre a fala das fontes, tratando de indicar como esses aspectos influenciam na representação que se constrói da fonte independente nesse telejornal. Todas as categorias aqui estabelecidas são fruto de observação e análise, baseados na literatura existente sobre as fontes de informação e a construção do discurso jornalístico.

O corpus analisado corresponde a 45 reportagens, exibidas entre os dias 18 e 30 de junho de 2007 nos blocos locais do Jornal do Almoço. As reportagens analisadas foram produzidas pela equipe de reportagem da RBS TV de Santa Maria e transmitidas para a região em que a cidade se insere. Aos sábados, o Jornal do Almoço destina apenas o segundo bloco para as notícias locais. Dessa forma, as edições dos dias 23 e 30 de junho têm apenas um bloco de duração.

De todos os formatos jornalísticos[4] apresentados pelo telejornal, restringimos este *corpus* às reportagens, já que foram os únicos formatos, no período analisado, em que as fontes de informação efetivamente apareceram. Para fins de análise, considerou-se a existência de dois tipos de fontes de informação: as fontes oficiais e as fontes independentes.

[4] REZENDE (2000), utilizando as categorias de gênero e formato jornalístico formuladas por José Marques de Melo, indica que existem quatro gêneros jornalísticos: o informativo, o opinativo, o interpretativo e o diversional. Destes, os que mais dizem respeito ao telejornalismo são os gêneros informativo e opinativo. Dentro do gênero informativo, o que mais interessa a este trabalho, fazem parte os seguintes formatos: nota, nota coberta, reportagem, entrevista e indicador. Vale lembrar que essas divisões de gêneros e formatos jornalísticos não são um consenso entre os pesquisadores da área.

As fontes oficiais foram definidas como todas aquelas pessoas que representam as instâncias de poder ou organizações e têm autoridade, seja ela institucionalizada por um cargo ou por reconhecimento social, para falar em nome delas, os especialistas e também profissionais reconhecidos. Incluiu-se nesta categorização também as fontes "oficiosas", que se entende como as pessoas que estão ligadas às instâncias de poder ou instituições, mas não estão autorizadas a falar sobre os assuntos.

Em contrapartida, as fontes independentes, neste trabalho, são definidas como aquelas fontes de informação que não têm nenhum vínculo com as instâncias de poder, que não representam empresas ou organizações e que não são especialistas na temática tratada. Mais uma vez, faz-se referência a CARVALHO (2005) quando as classificam como "pessoas essencialmente do povo". Considera-se aqui aquelas pessoas destituídas de cargos governamentais e que não detenham responsabilidades institucionais.

3.1 A incidência das fontes de informação

A análise quantitativa dos dados permitiu constatar que, no período observado, a incidência das fontes independentes é quase três vezes maior que das fontes oficiais, correspondendo a 72,5% do total das fontes entrevistadas. As fontes oficiais correspondem a 27,5% das fontes consultadas, sendo que a maioria delas, 11,05% do total dos entrevistados, corresponde às pessoas detentoras de cargos governamentais. As demais, 16% do total dos entrevistados, são as pessoas autorizadas a falar em nome de uma instituição privada, de organizações como órgãos de classe, federações, clubes esportivos ou são especialistas ligados diretamente ao assunto que falam.

É perceptível que as fontes independentes são uma maioria, o que pode parecer uma contrariedade frente ao que foi exposto anteriormente sobre as rotinas produtivas de um telejornal. A literatura sobre o assunto confirma que os jornalistas preferencialmente buscam as fontes oficiais, pois as mesmas são capazes de oferecer informações credíveis, que não precisam ser checadas.

Os resultados apresentados podem, a um primeiro momento, evidenciar que esse é um telejornal que dá voz às fontes independentes. Entretanto, esta análise não se restringiu apenas à simples contagem da incidência das fontes de informação. É preciso, também, analisar como essa fala é utilizada pelo telejornal, que sentido ela adquire dentro da construção jornalística, de que posição esse sujeito fala. Essas características vão mostrar qual é o lugar que o referido jornal permite que as fontes independentes ocupem, e quais são as representações que se faz delas.

3.2 As fontes independentes e a temática tratada

A temática tratada, além de indicar a linha editorial que um veículo segue, vai também influenciar na escolha das fontes de informação que são chamadas a falar nas notícias. Como já foi exposto anteriormente, as fontes de informação ocupam nas notícias um lugar que é socialmente permitido. Quando falam em um telejornal, falam de uma posição social muito bem definida. A análise da incidência de fontes oficiais e independentes em relação à temática tratada permite afirmar que existem assuntos que comportam certos tipos de fontes e de manifestações.

Para fins de análise, separaram-se as reportagens em sete grupos de temáticas. As categorias foram definidas com base na semelhança dos temas que as pautas apresentavam. Isso não significa que sejam apenas essas temáticas tratadas pelo telejornal, nem que essa seja a única maneira de organizá-las. As reportagens veiculadas no período analisado versam sobre os seguintes temas: infra-estrutura urbana, assuntos de repercussão nacional, eventos municipais e regionais, município, esportes, geral e amenidades.

TABELA 2 – INCIDÊNCIA DE FONTES OFICIAIS E INDEPENDENTES POR TEMÁTICA

	Número de Reportagens	**Fontes Oficiais**	**Fontes Independentes**
Amenidades	05	-	27
Esportes	08	05	19
Infra-estrutura urbana	07	05	16
Geral	09	13	13
Notícias de repercussão nacional	05	06	11
Município (saúde, política, polícia)	04	04	11
Eventos (palestras, encontros, seminários)	07	06	06

Todas as temáticas tratadas apresentam o número de manifestações de fontes independentes igual ou superior que o número de manifestações de fontes oficiais. Amenidades, esportes e infra-estrutura urbana foram as temáticas que mais apresentaram a participação das fontes independentes.

Das 27 fontes ouvidas para as reportagens da categoria amenidades, todas eram fontes independentes. Isso não deve impressionar, já que os assuntos tratados nessa temática são aqueles mais leves, que não dizem respeito aos conflitos sociais ou assuntos mais importantes ou mais carregados de noticiabilidade, como as questões relacionadas à prefeitura municipal, à política ou à educação. São, em sua maioria, comentários sobre a estação do ano que chega, sobre a possibilidade da existência de vida em outros planetas. São as pessoas que falam nas enquetes, nas ruas de Santa Maria.

A temática infra-estrutura urbana trata das notícias sobre as condições de elementos que fazem parte da organização estrutural da cidade, como as ruas, calçadas e rodovias. Aqui, há uma mudança do tom da fala da fonte independente, pois ela passa a reivindicar melhorias desses serviços públicos. Apesar desse papel mais ativo e também crítico, não se pode dizer que há uma expressão plena dessas fontes, já que as suas falas são, posteriormente, rebatidas pelas falas das fontes oficiais, que apresentam seus argumentos e promessas de solução.

As fontes independentes são chamadas, prioritariamente, para falar daqueles assuntos que não têm a ver com a vida política em si, com as relações de poder que se estabelecem em uma cidade. Estão relacionadas aos assuntos mais leves, sobre os registros de eventos, as notícias curiosas e às finais do campeonato de futebol. É possível afirmar que a fonte independente de informação tem um papel definido dentro das reportagens: é a fonte que fala sobre assuntos amenos ou que faz reclamações.

Quando um jornalista põe a fonte independente falar sobre os temas mais leves dá a entender que, para aquele veículo, as fontes de informação não são capazes de expressar-se sobre outros eventos do mundo real que não as temáticas menos importantes. Tira-se a oportunidade para que elas se expressem sobre outros assuntos, e, conseqüentemente, que a sociedade tenha acesso à pluralidade de pontos de vista. Os meios de comunicação, ao não permitir que a fonte independente expresse a sua perspectiva, não lhe confere representatividade social.

3.3 O tom da fala das fontes independentes

Nesta parte da pesquisa procurou-se analisar como as fontes de informação costumeiramente se manifestam no telejornal investigado. Considerou-se, aqui, o tom que as fala das fontes adquirem nas matérias analisadas, ou seja, como essas falas se

expressam em relação ao assunto tratado, como é permitido que elas se posicionem sobre o assunto.

A categorização dos tipos de falas utilizada nesta parte da pesquisa tem por base a classificação criada por MEDITSCH & SEGALA (2005), em estudo em que os pesquisadores analisaram as vozes dos atores sociais que são fonte do Jornal Nacional. Os autores propunham seis categorias, a saber: **trechos de discurso; opinião, enquete, comentário; explicação, interpretação, justificativa; fornecimento de dados; manifestação de perspectiva, posicionamento; e testemunho**. Dessas seis categorias, retiram-se **trechos de discursos**, já que nenhuma das reportagens apresentou essa modalidade de fala, e adicionaram-se **reivindicações e apelos**, já que um número significativo de fontes se manifestava nesse sentido.

Das 103 fontes independentes que foram citadas nas matérias jornalísticas, 58 falaram nas enquetes ou manifestaram um comentário acerca do tema tratado. Geralmente essas falas não passam da opinião das pessoas sobre o clima, sobre a decisão de um campeonato esportivo, sobre o estado das ruas e calçadas da cidade. Em segundo lugar, 16 delas apareceram como *cases* das reportagens, ou seja, como a "história" que serve de ilustração do assunto tratado nas matérias jornalísticas. Sete delas foram protagonistas de reclamações e reivindicações. Apenas 22 fontes independentes demonstraram em sua fala uma posição mais ativa, exprimindo seu ponto de vista sobre um assunto ou explicando um fato.

Das 39 fontes oficiais, 31 delas estão presentes nas reportagens para fornecer uma explicação ou justificativa sobre o tema de que trata a reportagem. As outras falas das fontes oficiais correspondem a 04 posicionamentos em relação ao assunto da matéria, 03 apelos ou reivindicações e 01 fala que fornecia dados para a matéria.

TABELA 4 – TIPO DE FALA POR TIPO DE FONTE

	Explicação Justificativa Interpretação	**Fornecimento de Dados**	**Posição sobre assunto Opinião**	**Enquete Comentário**	**Testemunho /Case**	**Reivindicações Apelos**
Fontes Oficiais						
Pessoas ligadas ao governo, detentoras de Cargos Públicos	**13**		**02**			**01**

Representantes de sindicatos, federações, organizações e clubes esportivos	**09**					**02**
Especialistas, autônomos, gente que fala por ser considerada especialista no assunto	**06**		**02**			
Oficiosas	**03**					
Representantes de instituições privadas, assessores de imprensa		**01**				
Fontes Independentes						
Cidadão Comum	**03**	**01**	**06**	**57**	**16**	**07**
Pessoas ligadas a empresas privadas	**04**	**03**				
Esportistas & Cia	**03**		**01**	**01**		
Grevistas		**01**				

A fala das fontes independentes não tem o mesmo peso da fala da fonte oficial. Quando se refere ao "peso" das falas, está se referindo ao grau de interpretação e expressão que essas falas possuem. Entre dizer se você gosta ou não do inverno e explicar como vão ser multadas as pessoas que não reformarem as calçadas em frente ao seu imóvel, ou se colocar a favor ou contra o aumento do salário dos deputados, há uma grande diferença de conteúdo e de significação. As fontes determinam o lugar social que elas ocupam através das suas falas. São as falas que legitimam o poder que as fontes de informação detêm socialmente, e são as falas que acabam por representar as fontes de informação, a classe social ou profissional a que pertençam ou a parte da cidade de que venham.

Excluindo-se poucos casos em que a fala da fonte independente adquire uma postura de explicar ou posicionar-se sobre o mundo em que vive, sobre a realidade que a cerca, a maior parte das vezes em que ela fala no telejornal ela o faz de uma posição muito específica e bem delimitada: ela é a voz que reclama, é a voz que faz pequenos comentários sobre o cotidiano da cidade, que nos conta os fatos pitorescos sobre o mundo, que ilustra uma matéria.

A análise também permite notar que existem duas estratégias especiais de aproximação com a fonte independente, a saber: as enquetes e os *cases*. De acordo com

nossa análise, duas das três principais circunstâncias de aparição das fontes independentes no telejornal estudado são como participantes das enquetes e como ilustração (*case*) da matéria, fato que será abordado mais profundamente adiante.

As enquetes são um recurso para a captação rápida de uma opinião ou um comentário de pessoas aleatórias. Não se marca entrevista para fazer enquete, não se tem um contato prévio com o entrevistado. São feitas na rua ou em locais que reúnem uma grande concentração de gente. As perguntas da enquete são simples e demandam uma resposta também muito simples, geralmente ligada aos gostos pessoais ou comentários sobre o cotidiano.

Quando se pensa sob o viés da democratização do acesso aos meios de comunicação, percebe-se que as enquetes não promovem uma real participação das fontes de informação, já que as perguntas realizadas nas mesmas limitam a possibilidade de resposta do cidadão, seja pela temática que tratam, seja pela pergunta feita pelo repórter. O problema na utilização da enquete como forma de captar a opinião da fonte independente é restringir a captação e expressão das opiniões apenas à esse recurso

Já, o *Case* é a expressão utilizada no jornalismo em geral para identificar aquelas pessoas que são usadas como "exemplos", como ilustrações nas matérias jornalísticas. Sua fala não agrega nenhuma informação, nenhum aspecto novo ao fato retratado. Ela relata os acontecimentos da sua trajetória pessoal, que servem para legitimar ou ilustrar o fato retratado pela matéria. O uso das histórias pessoais como forma de ilustrar o tema tratado pelo discurso jornalístico têm a dupla função de provocar o interesse do espectador, tornando a reportagem mais interessante, e também provocar um sentimento de identificação.

O lugar que o discurso jornalístico permite que uma fonte ocupe vai repercutir nas representações sociais que se fazem acerca dessa fonte de informação. SOUSA explica que a mídia é uma amplificadora de poderes e uma legitimadora de certas posições sociais. A representação que os meios fazem das fontes independentes depende muito das situações como elas são mostradas, entrevistadas, da sua relação com o jornalista.

3. CONCLUSÃO

Através das análises, pudemos concluir que, neste objeto empírico, o cidadão comum se constitui fonte de informação principalmente nas pautas ligadas a assuntos

com menos conteúdo informativo e livres de polêmicas ou conflitos sociais, como as decisões dos eventos esportivos ou datas comemorativas. Nas reportagens analisadas, as fontes independentes falam como espectadoras distantes dos acontecimentos do mundo oficial, cabendo a elas apenas fazer os comentários ou suposições sobre os aspectos mais banais da realidade ou proceder a reclamações sobre aqueles problemas que só podem ser resolvidos pelas instâncias de poder.

A fala das fontes independentes não tem o mesmo peso da fala da fonte oficial. As fontes independentes são as reclamantes ou observadoras do cotidiano, que apenas comentam o mundo que as cerca, enquanto as falas das fontes oficiais surgem como uma explicação ou um posicionamento, sempre no sentido de esclarecer questões sobre a realidade. Esse aspecto se evidencia nas pautas que tratam de assuntos que não envolvam um alto grau de polêmica ou de crítica social.

Nas temáticas mais factuais e polêmicas, como a falta de infra-estrutura urbana, ou atitudes contraditórias do governo, percebe-se os atores sociais tendem a ter maior possibilidade de expressão. Mesmo assim, os papéis das fontes oficiais e independentes não chegam a ser os mesmos. Na verdade, a fala das fontes independentes é um ponto de partida para o desenvolvimento da fala das fontes oficiais. O protagonismo e atitude cidadã da fonte independente terminam quando as fontes oficiais entram em cena.

A representação que se cria da fonte independente e, em conseqüência, de todos os atores sociais que ela representa, é que pertencem a uma parcela desassistida da população de uma comunidade, que não possuem um posicionamento sobre os fatos do mundo oficial, que não são capazes de produzir um pensamento autônomo e crítico sobre a realidade. São representadas como atores sociais alienados e acríticos, facilmente conduzidos e manipulados, que concordam e compartilham os mesmos pontos de vista das instâncias de poder de uma sociedade.

A visibilidade e a possibilidade de expressão que se dá a uma fonte de informação contribuem também para que o ponto de vista que essa fonte represente ou detenha adquira representatividade. Ao sub-representar uma fonte de informação se está, automaticamente, sub-representando o ponto de vista que essa fonte possui.

A presença de diferentes manifestações não garante a pluralidade de pontos de vista em um discurso. As fontes de informação expressam o ponto de vista que o jornalista lhes permite expressar. É o jornalista quem conduz essa fala, quem escolhe as fontes entrevistadas, quem delimita uma resposta através da pergunta feita, quem edita

as entrevistas e as insere na narrativa jornalística. É possível afirmar, dessa forma, que as fontes de informação falam do mesmo ponto de vista do veículo de comunicação.

As fontes de informação podem e devem ser elevadas a uma condição de fontes importantes em um telejornal. O primeiro motivo é pela questão da democratização dos pontos de vista divulgados no espaço público. A televisão é o meio de comunicação que as pessoas mais têm acesso em nosso país. Ela está presente na maior parte dos lares de todas as classes sociais e regiões. Para uma boa parcela da população, ela constitui-se o único meio de informação disponível. O jornalista televisivo tem um grande compromisso com a qualidade das notícias que vão ao ar. Além de cumprir as regras formais de um bom texto jornalístico, como a precisão das informações prestadas e o uso de uma linguagem clara, os jornalistas devem ter cuidado de representar da melhor forma possível a pluralidade de opiniões que conformam uma sociedade.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Carolina. **Valores-notícia e o cidadão comum no Diário de Santa Maria**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo: UFSM, 2005.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org.). **Representation. Cultural Representations and Signifying Practices**. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/ New Delhi, 1997..

MEDISTCH, Eduardo; SEGALA, Mariana. **As vozes do povo e as vozes do poder – Uma análise dos atores das noticias do principal telejornal brasileiro**. Disponível em: <http://prisma.cetac.up.pt/edicao_n1_outubro_de_2005/vozes_do_povo_e_vozes_do_poder.html>. Acesso em: 29 jun. 2007.

PINTO, Manuel. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento de campo. 1999. **Online**. Disponível em: <http://www.ics.uminho.pt/dcc/mpinto/fontes.htm>. Acesso em: 10 out. 2007.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil – um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. Diários Portugueses: que espaço para o cidadão comum? 1998. **Online**. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-diarios-portugueses1.html>. Acesso em: 10 nov. 2007.

VIZEU, Alfredo. **Jornalismo e representações sociais:** algumas considerações. Disponível em: <revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/viewFile/488/412>. Acesso em: 10 jun. 2007.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.